

Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais¹

Alberto Cesar Cabral², Buenos Aires

O autor considera que o alarmante crescimento do número de suicídios de adolescentes constitui a ponta de um iceberg muito mais amplo: o sofrimento profundo, muitas vezes naturalizado, das gerações mais jovens. É um sofrimento em que o olhar sociológico costuma verificar o fracasso dos adultos na transmissão de um legado que permita a inclusão dos recém-chegados no corpo social. Nós, psicanalistas, registramos – paradoxalmente – um êxito nessa conjuntura inquietante: aquele que corresponde às tendências filicidas e destrutivas para com os jovens, as quais autores como Raskovsky, Winnicott e Lacan exploraram em suas análises. São examinadas algumas peculiaridades sintomáticas da adolescência atual. Examina-se a orientação fornecida por algumas observações de Freud e Lacan com o intuito de acomodá-las e processá-las no dispositivo analítico.

Palavras-chaves: Suicídio de adolescente; Declínio da função paterna; Atos de passagem; Gozo; Desejo do analista

¹ Trabalho apresentado no XXI Simpósio de Infância e Adolescência da SPPA – *Formas extremas de padecimento psíquico na infância e na adolescência*, 12, 13 e 14 de setembro de 2019, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Porto Alegre.

² Médico psiquiatra, analista didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Alberto Cesar Cabral

Vou tentar uma aproximação à complexidade da temática proposta, sugerindo algumas reflexões sobre uma questão que bem podemos considerar como um emergente inequívoco do sofrimento psíquico extremo na adolescência: o suicídio. O suicídio adolescente é – poderíamos dizer – a ponta do *iceberg*: a parte visível e inquietante de um *corpo submerso*, composto por um mal-estar profundamente estendido e, muitas vezes, naturalizado.

No entanto, vamos começar pela *ponta*. O suicídio adolescente constitui um problema sobredeterminado, complexo e preocupante em escala global e, naturalmente, também em nossos países. Embora as taxas no Brasil sejam inferiores às da Argentina, não deixam de ser alarmantes. De acordo com o *Mapa da violência* elaborado por órgãos governamentais em colaboração com a FLACSO (Waiselfisz, 2014) e divulgado com o título *Homicídios e juventude no Brasil*, a faixa etária entre 15 e 29 anos apresentou o maior índice de aumento de suicídios entre 1990 e 2012: 33%. Acrescento apenas dois dados para decompor esses números globais: o próprio *Mapa* destaca um índice particularmente elevado de suicídios entre adolescentes indígenas no norte do Brasil (Amazonas e Mato Grosso do Sul) e – agora de acordo com o documento *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016*, elaborado pelo Ministério da Saúde (2018) – a frequência de suicídios na faixa de 10 a 29 anos foi 45% maior entre negros e pardos do que entre brancos.

E deixo as estatísticas de lado para resguardar a dimensão preocupante desse problema, evitando a sua absorção pela *placidez da aritmética*, como diria o escritor mexicano Jorge Volpi (2008). É que instalar o drama de histórias singulares no campo do número e da quantificação cria um verniz de objetividade e uma ilusão de controle sobre os fatos, os quais devem ser preservados em sua capacidade de nos desafiar.

Minha impressão é que, mais do que estatísticas, a afirmação contundente com que Albert Camus (1953/1996) abre sua inquirição em *O mito de Sísifo* pode nos aproximar do *corpo submerso* do *iceberg*: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia” (p.13, tradução livre). E o autor continua:

Um mundo que pode ser explicado, mesmo por motivos ruins ou errôneos [com sentido], é um mundo familiar [isto é, um mundo conhecido, *friendly*... ou, se quisermos resgatar o tom freudiano desta afirmação, um mundo de

heimlich]. Pelo contrário, em um mundo repentinamente privado de ilusões e luzes [de sentido], o homem se sente estrangeiro [*un-heimlich*]” (p. 13, tradução livre)

Atravessamos uma época que nos expõe com mais virulência ao registro angustiante do *nonsense*, da estranheza perturbadora. Expõe em especial as gerações mais novas, que possuem menos recursos simbólicos para processá-lo. Cada suicídio adolescente nos impacta, eis que coloca em cima da mesa o fracasso da comunidade em abrigar e transmitir aos “recém-chegados” um legado que lhes permita responder afirmativamente à pergunta de Camus.

Na primeira aula de seu *Seminário* sobre a angústia, Lacan (1962-1963/2006) se pergunta sobre os motivos do surgimento da filosofia existencialista no início do século XX. E dá a ela um caráter sintomático: que toda uma filosofia tome a angústia como ponto de partida da sua reflexão, transmitindo uma verdade da época. Lacan propõe uma metáfora sugestiva para captar esta verdade: fala-nos do *encabritamento* dos cavalos da história, no qual reside, em sua opinião, o *mal-estar* que cada vez mais se apossa do homem contemporâneo. É uma bela expressão, com a qual Lacan evoca explicitamente o *Krawalmachen*: uma das fontes da angústia em Juanito.

Como entender essa metáfora? Se, até o final do século XIX, os grandes ideais de progresso e iluminismo pareciam guiar a carruagem da história de forma previsível, os acontecimentos do século XX (vamos apenas mencionar a ferocidade das duas guerras mundiais, os genocídios, Hiroshima) questionaram de forma brutal essa visão otimista e esperançosa. A observação sobre o *encabritamento* dos cavalos da história antecipa assim em quase trinta anos a tese de Lyotard (1979) sobre o *fim das metanarrativas*³.

Entende-se então – é a conclusão de Lacan – que a subjetividade contemporânea está cada vez mais exposta ao registro do *nonsense*. É o que torna nosso presente histórico um real-traumático, promovendo de forma crescente a angústia e as posições subjetivas a ela relacionadas, em particular a passagem ao ato e ao *acting-out*. “Diante desse presente, todos somos *Juanitos-angustiados*”, parece nos dizer Lacan (1962-1963/2006).

Também ressoa, na metáfora de Lacan, uma referência a Hegel, o grande otimista no *progresso da história*... Depois da batalha de Jena, Hegel assiste de uma sacada a entrada de Napoleão em Viena, à frente de seu exército. No mesmo dia, escreveu a um amigo: “Eu vi a Ideia Absoluta montando seu cavalo branco”

³ N.T.: Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Lyotard, J-F. (1979). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Alberto Cesar Cabral

(Simpson, 1974, p. 107). O cavalo contemporâneo poria severamente à prova as habilidades de Napoleão como cavaleiro...

Claro que não se trata apenas de Lacan e Lyotard: são muitos os pensadores contemporâneos que têm focado a sua atenção nas diferentes facetas que fazem essa particularidade da época que nos toca. Gilles Lipovetsky (1992) referiu-se ao *crepúsculo do dever* com sua correspondente ética indolor (*descafeinada*, poderíamos também dizer com Slavoj Žižek, (2004)), o qual é acompanhado por imperativos morais brandos, privados daquele rigor premente que apenas dois séculos antes Kant podia descrever. O historiador inglês Eric Hobsbawm (1997) documentou uma de suas consequências: o *deslizamento para a barbárie* nas formas atuais de fazer a guerra, onde armas cada vez mais letais ficam nas mãos de *homens que perderam a bússola moral que deveria orientar seus atos*. A socióloga Sílvia Guemureman (2007) estudou – agora nos ambientes cotidianos de nossas grandes cidades – o surgimento do que ela caracteriza como uma *violência gratuita, antiutilitária e hedonista*, que sustenta as ações das novas gangues adolescentes (as *maras* centro-americanos são o protótipo).

Estas são algumas das formulações que coincidem em sublinhar diferentes consequências de um progressivo enfraquecimento na constituição de ideais, responsável por deixar os nossos adolescentes precariamente pendentes de um *futuro líquido* (para acrescentar a referência de Zygmunt Bauman, 2007). São caracterizações ricas, que nos são úteis para ir reconhecendo *o corpo do iceberg*. Lacan recolheu essa virada de nossa cultura em sua tese sobre o declínio progressivo da função paterna, apropriando-se de tais observáveis sociológicos para inseri-los no seio de nossa experiência: o Édipo.

Diria, de minha parte, que essas formulações estão impregnadas de um *perfume de Durkheim*, em referência a Émile Durkheim (1897/2012), o pensador francês considerado o pai da sociologia moderna. Foi ele quem percebeu no suicídio adolescente o testemunho de um *fracasso* das gerações adultas em sua tarefa prioritária: atar – através da transmissão de valores e ideais – as gerações jovens na trama sólida do corpo social. Nessa perspectiva, poderíamos caracterizar a nossa época ao explorarmos o equívoco que permite a pronúncia de seu sobrenome em inglês: Durkheim admitiria, com pronúncia quase idêntica, também a escrita Dark-Heim. Uma escrita que indicaria que o *familiar (heim)* teria se tornado escuro (*dark*), nestes tempos sombrios...

Mas é aí, onde os sociólogos registram um *fracasso*, que os psicanalistas – honrando a nossa condição de *profissionais da suspeita* (Foucault) – podem detectar um *trunfo*. Para não nos sentirmos isolados no lugar dos “suspeitos de sempre”, vou citar um poema de Wilfred Owen, considerado por muitos como o

poeta da Primeira Guerra Mundial. Alistado no exército britânico aos 20 anos, ele compôs quase todo o seu trabalho na frente de batalha, onde morreu uma semana antes da assinatura do armistício. Seus versos destilam uma crítica amarga a um militarismo que consumia vorazmente os corpos da juventude europeia em uma impiedosa guerra de trincheiras, a mesma que desencadeou as dolorosas reflexões de Freud em *De guerra e morte*.

Vou evocar sucintamente a sua *Parábola do homem velho e do jovem*. Em 16 versos austeros, o poeta recria o conhecido episódio bíblico do quase sacrifício de Isaac nas mãos de seu pai, Abraão. No entanto, ele se distancia abruptamente do texto bíblico nos dois últimos versos, separado dos primeiros 14 versos por uma linha em branco: o corte confirma essa distância, acrescentando uma cota de suspense ao dramatismo do final. Depois do aparecimento do anjo que exorta o pai a preservar a vida de Isaac, sacrificando um carneiro em seu lugar, Owen (1920/2012) conclui:

*“But the old man would not so, but slew his son,
And half the seed of Europe, one by one”*(s/p)

Em português:

“Mas o velho não quis, mas matou seu filho,
E metade da semente da Europa, um por um” (tradução livre).

Como podemos ver, Owen também resiste a anestesiar o holocausto com a *placidez da aritmética*: em vez de nos adormecer com estatísticas, sacode-nos com a imagem sinistra do velho entregue ao prazer do sacrifício metódico, *um por um*, de meia juventude europeia. O prazer do velho permite-nos vislumbrar o que há de êxito em cenários nos quais os nossos colegas sociólogos registram *fracasso*.

Trata-se, claro, do sucesso dos impulsos filicidas que Arnaldo Raskovsky (1974) estudou no seu tempo. Com outro arcabouço conceitual, trata-se também da realização bem-sucedida do ódio que Winnicott (1949/1990) – em suas cartas ao editor do *Times* – detectou na ambivalência estrutural das velhas gerações em relação aos adolescentes. Um ódio que reconhecia, por exemplo, no expediente do *linchamento* para enfrentar a delinquência juvenil, mas também na formação reativa que sustenta – diante do mesmo fenômeno – posições contemporizadoras que, ao negar a sua gravidade, abandonam o adolescente em conflito à própria sorte.

As observações de Raskovsky e Winnicott conservam uma atualidade perturbadora. Em nossos países, continuamos a perceber a mesma exacerbação do gozo sádico descarregado sobre os mais jovens não só na invocação ao gatilho

Alberto Cesar Cabral

fácil⁴ e nos projetos que visam reduzir a idade de imputabilidade, mas também em legislações *benevolentes* que escondem a ausência e o abandono de que são objeto do Estado.

São alternativas que reencontramos, agora no seio de nossa clínica cotidiana, no exercício efetivo da função paterna: o deslizamento para o autoritarismo ou para um *amiguismo* igualitário sustentado por uma espécie de *culpa de proibir*, que redobra um estado de orfandade simbólica para os adolescentes... além de expressar a desorientação dos pais contemporâneos. O jornal *La Nación*, de Buenos Aires, publicou dados sugestivos de pesquisa realizada nas principais livrarias da Capital Federal. É surpreendente que as vendas que mais cresceram nos últimos anos correspondam a livros de autoajuda. E, dentre deles, os dedicados aos futuros pais...

Essa orfandade adolescente simbólica (correlato da desorientação dos pais contemporâneos) costuma se traduzir em uma tendência à socialização do sujeito adolescente por meios sintomáticos. Os episódios frequentes de alcoolismo e uso de drogas em grupo, as *epidemias de suicídio* (um mês após a estreia de *13 Reasons why* no *Netflix*, em março de 2017, nos EUA, houve um aumento de 28,9% na taxa de suicídio na faixa etária de 13 a 17 anos) e a generalização dos transtornos alimentares (bulimias-anorexias) são bons exemplos. O tropeço com a precariedade da oferta identificatória do mundo adulto incita o adolescente a satisfazer sua demanda identitária consolidando o seu pertencimento a pequenas tribos formadas em torno de identificações sustentadas em modalidades sintomáticas de gozo compartilhadas pelo grupo.

Contudo, voltemos por um instante à *desorientação* dos pais contemporâneos. Um vetor que participa de sua montagem é, certamente, o efeito da destituição do saber de pais e educadores: um saber cada vez mais depositado – pelas novas gerações – no computador, no celular... enfim, no *Google*. É um vetor que incide sobre as modalidades de época desse *processo de desligamento da autoridade paterna*, no qual Freud (1910/1988) reconhecia um dos desafios da adolescência. Isto por que a suposição de saber é um dos atributos clássicos dessa *autoridade*.

Uma paciente, jovem mãe de um filho de três anos, em uma sessão comenta uma piada que circula no grupo de mães da escola: “Entre 3 e 5 anos, os pais são o *Google*. Entre 5 e 9 anos, eles são um *shopping center*. Entre 9 e 17, um *delivery*. Entre 17 e 25, um *hostel*”. Notemos, na piada, que a suposição de saber dos pais estende-se apenas até os 5 anos. É um contexto que nos convida a repensar se, para alguns adolescentes, em nossos dias, existiria um desligamento da autoridade

⁴ N.T.: A expressão *gatilho fácil* tem o mesmo sentido de atirar antes e perguntar depois. No Brasil, deixou-se de perguntar à medida que foi se tornando cada vez mais popular o chamado *auto de resistência*, em que o policial afirma que o suspeito resistiu à prisão e foi morto, tendo como testemunha de tal fato o próprio matador ou o seu parceiro.

paterna, quando, na realidade, ela não chegou a instalar – e menos ainda sustentar – um apego...

Se vocês já tiveram a experiência de lecionar para um público jovem, com certeza testemunharam o fenômeno – até poucos anos atrás insuspeito – de ver os participantes verificando, corroborando ou buscando aumentar as informações que recebem em tempo real – ou seja, durante a aula – em seus *tablets* ou *smartphones*. É claro que se trata de um fenômeno que, em muitos casos, pode dar origem a interações ricas e produtivas, apesar de também colocar em xeque educadores que – por sua própria inconsistência – entram em rivalidade com a máquina, sentindo-se sob vigilância permanente ou diretamente destituídos de sua posição de saber.

Do lado das novas gerações, o fenômeno sanciona a passagem para uma espécie de *autoerotismo do conhecimento* (Amadeo, 2014). Durante séculos, o conhecimento esteve depositado no Outro: era, antes de mais nada, um objeto do Outro. Então, era preciso buscá-lo e obtê-lo no campo do Outro, isto é, canalizar a curiosidade e o desejo de saber por meio da sedução, da obediência ou da submissão ao Outro. Todas eram opções que implicavam o desenvolvimento de uma estratégia, mais ou menos apurada, em relação ao desejo do Outro: uma tentativa de calculá-lo, para ganhar a sua boa vontade.

As tribulações de Alcibiades diante de Sócrates, conforme relatadas por Platão em *O banquete* (380 a.C./1991), são um excelente testemunho dessas estratégias de desejo. Também a complexa relação que vai se urdindo entre Adso de Melk e William de Baskerville, os dois protagonistas de *O nome da rosa*, romance de Umberto Eco (1980). O adolescente de hoje pode contornar esses caminhos e – como no prazer erótico – buscar o conhecimento que anseia sem recorrer ao Outro humano. Em nossos termos, evitando a complexidade – mas também o enriquecimento – que implica a passagem pela transferência ao adulto: entendendo a transferência, rigorosamente, como uma suposição de saber. Isto é, nivelando a densidade subjetiva que, durante séculos, pressupôs o processo de transmissão e aquisição de conhecimentos. Aqui, as fantasias – tão atuais – de passar por uma experiência psicoterapêutica através do sofisticado *software* fornecido pelos avanços da inteligência artificial encontram o seu lugar.

Essa *desorientação* dos pais contemporâneos apareceu em uma das primeiras teses de Lacan, e ele a sustentou com ligeiras variações ao longo de sua docência: o declínio progressivo da função paterna. Está ligada, como veremos agora, a uma reformulação das funções do superego freudiano, permitindo vincular a dupla vertente – de *déficit* e de excesso – que, como vimos, caracteriza a nossa época. *Déficit*: o fracasso na transmissão de valores e ideais consistentes que permitam às

Alberto Cesar Cabral

novas gerações vincular-se ao corpo social. Excesso: no surgimento de um prazer destrutivo que, por diferentes meios, se mostra com essas mesmas gerações.

Para ser breve, digamos que Lacan – ao longo de sua docência – desdobra o superego freudiano em duas funções divergentes. Podemos destacá-las dos dois enunciados – contraditórios – que o próprio Freud lhe atribui: “Como o Pai, não podes ser”; “Como o Pai, deves ser”. O primeiro, normativo e regulador, é porta-voz da dimensão pacificadora de Édipo: se preferirem, da *boa herança* do Pai. Corresponde, na leitura de Lacan, à função do Ideal do Ego. O segundo, pelo contrário, corresponde, para Lacan, ao superego propriamente dito: constitui a volta do estímulo para o gozo irrestrito que encarna a figura mítica do *Ur-Vater*, em *Totem e tabu* (1913/2000). É a substituição do Pai primordial, que foi reincorporado no banquete totêmico: a razão pela qual o seu assassinato não é apenas a origem da Lei, mas também a origem do estímulo para transgredi-la e gozar do excesso.

É uma inclinação para o excesso que também é registrada pela psiquiatra Alexandrina Meleiro, coordenadora da Comissão de Combate ao Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria. Em uma entrevista à Agência Brasil, ela comenta os múltiplos fatores (o corpo do nosso *iceberg*) que levam os jovens a tirar a vida. São “famílias destruídas, aumento do abuso de drogas, aumento do alcoolismo, a primazia do ter sobre o ser, o ‘tudo e rápido’ e o consumismo são fatores que fazem com que os jovens não consigam desenvolver tolerância à frustração e acabem optando por tirar a vida” (Meleiro, 2017, comunicação pessoal). A nuance acrescentada por Lacan é que essa inclinação para o excesso assume a forma de um imperativo tirânico, com as mesmas características que reconhecemos nos comandos compulsivos do superego na neurose obsessiva.

Nós, que trabalhamos com adolescentes, costumamos nos deparar, assim como Alexandrina, com condutas cada vez mais frequentes de exposição ao risco: os consumos problemáticos desregulados, a participação em situações de violência, o descuido e o excesso de velocidade ao dirigir, o apego a “esportes” radicais. Contamos, é claro, com diferentes ferramentas teóricas para abordar essas situações complexas e permitir o seu processamento analítico: as noções de passagem para o ato e de *acting-out* são duas delas. Minha impressão é que as elaborações do sociólogo francês David Le Breton podem nos ajudar a iluminar ainda mais esse campo de nossa experiência.

Le Breton (2014) considera que flertar com o risco, para alguns adolescentes, muitas vezes constitui não tanto uma passagem para o ato, mas o que ele chama de *atos de passagem*. Em seus estudos de campo, ele percebe, em populações adolescentes, a sensação de estar diante de um muro intransponível que os separa

do mundo adulto, condenando-os a habitar uma espécie de presente que não acaba nunca, despojado de todo futuro.

É um sentimento que parece brotar de um registro compartilhado: a *fronteira* (eixo do nosso próximo Congresso 2020 da FEPAL) entre o mundo adulto e o mundo adolescente vem perdendo a fluidez própria de um lugar de trânsito para se tornar uma alfândega cada vez mais rígida. Em particular para os setores mais vulneráveis: aqui podemos recuperar o valor das taxas muito mais elevadas de suicídio entre jovens indígenas e negros, as quais mencionamos no início.

Susan Sontag (2003), no texto *Imágenes torturadas*⁵, anterior aos estudos de Le Breton, apontou um processo que corresponde à mutação dessa fronteira. Trata-se da deterioração progressiva de nossos rituais de iniciação: de cerimônias simbólicas que sancionam a transição entre os dois mundos (o adolescente e o adulto), eles se transformam em rituais grotescos, cada vez mais violentos e humilhantes para os recém-chegados. É um avanço verificado por Sontag no sadismo que prevalece nas cerimônias de formatura, na entrada do quartel, nas despedidas de solteiro...

Pode-se então compreender que alguns adolescentes estão cada vez mais expostos à construção – por seus próprios meios – de arremedos paródicos de rituais de iniciação: seria o lugar dos atos de passagem. Os comportamentos de risco, na sua diversidade, nestes casos constituem cenários em que o adolescente põe-se à prova: verifica sua consistência, sua integridade, avalia sua virilidade, sua feminilidade... inclusive a versatilidade da sua posição sexual. A cultura adolescente de *aguante*⁶ parece se encaixar nessas pautas.

O encontro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Simpósio do DIA, 2019) que estamos inaugurando vai ser, sem dúvida, um ambiente propício para debater respostas adequadas a esses novos desafios propostos pela clínica atual. No momento em que a sociedade vienense era abalada por uma onda de suicídios de estudantes, Freud (1910/1988) fez uma sugestão que pode ser útil para nós:

Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impedir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia lhes oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu

⁵ N.T.: Tradução de Rubens Figueiredo: Sontag, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁶ N.T.: Grupos de torcedores fanáticos de futebol, na Argentina, os quais se definem por poder aguentar: aguentar funciona, em confrontos físicos, como um sistema de honra e prestígio. Aqueles que suportam o desafio, a violência e as dores da luta corporal demonstram valentia, sendo assim reconhecidos e respeitados por seus pares *como hinchas aguantadores*, torcedores durões, digamos.

Alberto Cesar Cabral

desenvolvimento os compellem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família⁷. (pp. 231-232)

É uma sugestão que certamente fará parte de nossas discussões. Mas antecipemos que, em nossa época, responsável por promover um perturbador afrouxamento dos laços familiares, a tarefa de incutir o *gozo de viver* ganha uma importância particular na orientação de nossas curas.

Em uma época como a nossa, na qual – como vimos – os laços familiares e sociais apresentam-se *frouxos* por si mesmos, a tarefa de *incutir o gozo de viver* parece ganhar uma importância particular e indicar uma orientação rica, não apenas para a escola, mas para todos os “praticantes da função simbólica”, entre os quais Lacan (1953/1985) (nos) incluía os analistas.

Antes de mais nada: como entender esse *gozo de viver*? Lembremos que é uma perspectiva freudiana que ressoa também nos *Dois verbetes de enciclopédia* (1923[1922]/1992), quando Freud aponta, entre os objetivos da psicanálise, o de permitir que o neurótico goze (desfrute) mais plenamente o trabalho e o amor. Lacan recolhe essa mesma orientação em seu *O mito individual do neurótico* (1953/1985) quando menciona, entre os objetivos da cura, a tarefa de recuperar o *prazer sereno e pacífico* do objeto que, para seu amigo Lévi-Strauss (1962/1990), caracteriza as culturas mal chamadas de “primitivas” (p.357).

Trata-se de culturas que – para surpresa dos círculos intelectuais parisienses em meados do século XX – ainda não conheciam a profissão supostamente mais antiga do mundo: a prostituição. E que possibilitava aos seus membros, portanto, um prazer *sereno e pacífico* do objeto sexual: não afetado pela pressão de renovação permanente que, decorrente do mercado, impõe-se cada vez mais em todos os interstícios da vida social. É a pressão que Alexandrina também registra quando constata, em nossos adolescentes, uma primazia cada vez mais acentuada do imperativo de *ter* sobre o de *ser*.

Nesse contexto, a transmissão do gozo de viver, em sua faceta de gozo sereno e pacífico do objeto, situa os efeitos da cura analítica na contracorrente dessa vertigem de época. Na contramão, diríamos também, do decreto de caducidade que a cultura impõe sobre o gozo do objeto, tão provisório e descartável quanto o último modelo de *smartphone*. Podemos reencontrar as sequelas desse decreto de caducidade nos fenômenos que Baumann (2004) designou como *amor líquido*.

Lacan apontou que a cura analítica leva o sujeito a confrontar-se com o

⁷ N.T.: Tradução de Jayme Salomão: Freud, S. (1970). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Cinco lições de psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos* (vol. 11, pp. 217-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

desejado ou *não desejado* responsável por presidir a sua vinda ao mundo. Em um momento em que a cultura redobra o pronunciamento *não desejado* sobre as novas gerações, a opinião contrária ganha cada vez mais importância, ou seja, que o desejo do analista transmite – implicitamente – a sujeitos desenraizados, *homeless* no desejo do Outro, como os adolescentes contemporâneos. É uma das facetas da transmissão desse gozo de viver que Freud evocava: algumas conjunturas clínicas podem exigir, do analista, atos que o tornem explícito. □

Abstract

Extreme forms of psychic pain in current childhood and adolescence

The author considers that the alarming growth in the number of adolescent suicides is the tip of a much larger iceberg: the deep suffering, often accepted as natural, of the younger generations. It is a pain in which the sociological analysis usually finds the adults' failure in conveying a legacy that enables inclusion of the *newcomers* in the social body. We psychoanalysts register – paradoxically – a *success* in this disturbing situation: the one that corresponds to filicidal and destructive impulses towards the youngsters, which authors such as Raskovsky, Winnicott and Lacan explored in their work. Some symptomatic peculiarities of current adolescence are examined. Guidance provided by some Freudian and Lacanian observations is examined to accommodate and process them in the analytical field.

Keywords: Adolescent suicide; Decline in paternal function; Rites of passage; Pleasure; Analyst's desire

Resumen

Formas extremas del padecimiento psíquico en la infancia y la adolescencia actuales

El autor considera que el crecimiento alarmante de las cifras de suicidio adolescente constituye la punta de un *iceberg* mucho más extendido: el profundo padecimiento, muchas veces naturalizado, de las generaciones jóvenes. Es un padecimiento en el que la mirada sociológica suele verificar el fracaso de los adultos en la transmisión de un legado que permita incluir a los *recién llegados* en el cuerpo social. Los psicoanalistas registramos – paradójicamente – un éxito en esta coyuntura inquietante: el que corresponde a las tendencias filicidas y destructivas para con los jóvenes, que han explorado en sus desarrollos autores como Raskovsky, Winnicott

Alberto Cesar Cabral

y Lacan. Se examinan algunas particularidades sintomáticas de la adolescencia actual. Se explora la orientación que brindan algunas observaciones de Freud y de Lacan para alojarlas y procesarlas en el dispositivo analítico.

Palabras clave: Suicidio adolescente; Declinación de la función paterna; Actos de pasaje; Goce; Deseo del analista

Referências

- Amadeo, D. (2014). Consideraciones clínicas sobre el adolescente actual. *Tesis de tercer ciclo defendida en agosto de 2014*, bajo la dirección de Claudio Godoy. Buenos Aires: Universidad Nacional de San Martín.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (2018). Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Brasília, DF: Ministério da Saúde | Universidade de Brasília, 2018. Recuperado de http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf
- Camus, A. (1996). *El mito de Sísifo*. Buenos Aires: Losada. (Trabajo original publicado en 1953)
- Durkheim, E. (2012). *El suicidio*. Madrid: Ediciones Akal. (Trabajo original publicado en 1897)
- Eco, U. (1980). *El nombre de la rosa*. Buenos Aires: Lumen, 2010.
- Freud, S. (1988). Contribuciones para un debate sobre el suicidio. In *Obras completas* (vol. 11, pp. 231-232). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1910)
- Freud, S. (1992). Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido». In *Obras completas* (vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1923 [1922])
- Freud, S. (2000). Tótem y tabú. In *Obras completas* (vol.13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1913)
- Guemureman, S. (2007). Muertes evitables en jóvenes. El rostro de la barbarie punitiva y la insensibilidad ante el castigo, la exclusión y la violencia social. En *Dossier Morir joven en la Argentina. Revista Ciencias Sociales*, 32-33.
- Hobsbawm, E. (1997). *Sobre la historia*. Barcelona: Crítica, 1998.
- Lacan, J. (1985). El mito individual del neurótico. En *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial. (Trabajo original publicado en 1953)
- Lacan, J. (2006). *El seminario X, 1962-1963, Clase del 14 de noviembre de 1962*. Buenos Aires: Paidós. (Trabajo original publicado en 1962-1963)
- Le Breton, D. (2014). *Breve historia de la adolescencia*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais

- Lipovetsky, G. (1992). *El crepúsculo del deber*. Barcelona: Anagrama, 1994.
- Lyotard, J-F. (1979). *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Éditions de Minuit.
- Meleiro, A. (2017). É preciso falar sobre *bullying*, depressão e suicídio, alertam especialistas. In *Entrevista concedida à Agência Brasil*. Brasília, DF. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/e-preciso-falar-sobre-bullying-depressao-e-suicidio-alertam-especialistas>
- Owen, W. (2012). Parable of the old man and the young. In *Poemas de guerra*. Edición, traducción y notas de Gabriel Insausti. Bueno Aires: El Acanalado. (Trabajo original publicado en 1920)
- Platão (1991). O banquete. In *Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político* (pp. 7-59). Coll. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural. (Original escrito por volta de 380 a.C.)
- Raskovsky, A. (1974). *O flicidio*. Rio de Janeiro: Artenova.
- Simpson, T. (1974). *Dios, el mamboretá y la mosca*. Buenos Aires: La pléyade.
- Sontag, S. (2003). Imágenes torturadas. *Revista Ñ*, n° 35 (Cuaderno Cultura del Clarín), mayo 2004.
- Lévi-Strauss, C. (1962). *O pensamento selvagem*. Buenos Aires: FCE, 1990.
- Volpi, J. (2008). *El jardín devastado*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Waiselfisz, J.J. (2014). *Mapa da violência 2014. Juventude viva. Homicídios e juventude no Brasil: atualização 15 a 29 anos*. Brasília, DF: Sec. Geral da Presidência da República/ Sec. Nacional de Juventude/ Sec. de Políticas de Promoção da Igualdade Racial | Rio de Janeiro: FLACSO. Recuperado de http://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf
- Winnicott, D.W. (1990). Carta al Director del Times, agosto de 1949. En *El gesto espontáneo*. Barcelona: Paidós. (Trabajo original publicado en 1949)
- Žižek, S. (2004). Passion in the era of decaffeinated belief [La pasión en la era de la creencia descafeinada]. *The Symptom Online Journal for Lacan.com*, Issue 5, Winter 2004. Recuperado de <http://www.lacan.com/passionf.htm>

Recebido em 15/10/2019

Aceito em 04/12/2019

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Alberto Cesar Cabral

Vidal 1564

6°C1426AMD – Buenos Aires – Argentina

accabral@intramed.net.ar

© *Alberto Cesar Cabral*

Versão em português da Revista de Psicanálise da SPPA